

PALHAÇADA E LOUCURA: RELATO DE EXPERIÊNCIA DA ATUAÇÃO DE PALHAÇOS CUIDADORES EM UM HOSPITAL PSIQUIÁTRICO

CARVALHO, Lucas Emmanuel¹
COSTEIRA, Aldenildo A. M. F.²
DIAS, Gustavo Vieira³
NASCIMENTO, Janine Azevedo⁴
RODRIGUES, François Talles Medeiros⁵

Centro de Ciências Médicas/Departamento de Promoção da Saúde/PROBEX/PROEXT

RESUMO

Neste trabalho, descrevemos a experiência de acadêmicos de cursos de graduação do Centro de Ciências Médicas e Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba no projeto PalhaSUS, realizada nas alas do Complexo Psiquiátrico Juliano Moreira, localizado em João Pessoa, por meio de intervenções como palhaços cuidadores, baseadas na interação com os usuários do serviço de forma lúdica. Foi realizado um estudo de abordagem qualitativa e descritiva, do tipo relato de experiência. Para a elaboração deste relato de experiência, analisaram-se as atividades do projeto no período de janeiro a setembro de 2013. Durante a execução das atividades, observamos que os usuários do serviço demonstravam grande interesse pela atuação dos palhaços cuidadores e que, em muitos casos, eles aguardavam ansiosamente o retorno dos mesmos, como sendo uma das únicas formas de fugir da rotina e da lógica manicomial. Além disso, observamos que a atuação também é uma forma de cuidado do cuidador, pois estes, que trabalham num ambiente desgastante, também acabam se entregando ao lúdico.

PALAVRAS-CHAVE: palhaço cuidador, hospital psiquiátrico, humanização

¹ Graduando do curso de medicina da UFPB, bolsista do Proext – lucaziel@hotmail.com

² Professor coordenador do Projeto PalhaSUS – aldenildo@hotmail.com

³ Graduando do curso de medicina da UFPB, bolsista do Probex - guga_vd@hotmail.com

⁴ Médica coordenadora do Projeto PalhaSUS –janinenascimento@hotmail.com

⁵ Graduando do curso de fisioterapia da UFPB, bolsista do Probex - frank_talles14@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Os Hospitais Psiquiátricos ou manicômios, locais onde são tratadas as pessoas consideradas alienadas, herdaram muitas características dos leprosários da Idade Média, pois, segundo Foucault (2009), passaram a ocupar, além da função social, em muitos casos, até o mesmo espaço físico. Os leprosários eram construídos nas periferias das cidades com o objetivo de segregar as pessoas portadoras da lepra, sendo posteriormente assumido esse legado nefasto pelos manicômios.

Segundo Foucault (2009) no século XVII, muitos desses lugares são transformados em casas de internamento por toda a Europa, os Hospitais Gerais, onde era depositado todo tipo de marginalizados, isto é, miseráveis, desempregados, delinquentes e “insanos”. Os loucos, tidos pelo senso comum como seres perigosos, eram geralmente acorrentados.

Segundo Amarante (2010), um importante acontecimento é dado por Philippe Pinel, médico, filósofo, matemático e enciclopedista, que ao assumir a direção do Hospital Bicêtre em 1793, manda desacorrentar os “alienados”, o que fica conhecido como o “gesto de Pinel”. Pinel se coloca como libertador dos loucos, porém os libera das correntes, mas os aprisiona num tratamento asilar, sob um regime de completo isolamento, que segundo ele dar-lhes-ia a verdadeira liberdade ao livrá-los da alienação.

Até os dias de hoje, o tratamento baseado no isolamento social em hospitais psiquiátricos é muito forte. Essas pessoas são segregadas da sociedade, longe do seio da família e do contato dos amigos nesses ambientes cheios de grades e com terapêuticas ainda com forte predomínio da contenção química e/ou física.

Então, surge a necessidade de cuidar das pessoas internadas em hospitais psiquiátricos de uma forma que leve em consideração a humanização do cuidado (que é diferente do tratar), e que veja a pessoa em sofrimento psíquico de forma holística e como um sujeito, dotado de desejos e anseios, e não como um indivíduo perigoso que precisa ser isolado e ter seu sintoma contido, seja por meios químicos ou físicos.

A integralidade da assistência reconhece o ser humano de maneira holística, ou seja, em todos os seus aspectos e todas as suas potencialidades, inclusive fazendo uso da arte. Ou seja, há a necessidade de cuidar dessas pessoas de um modo diferenciado, a partir do modelo psicossocial, que abrange os seguintes pontos: consideração dos aspectos biológicos, culturais, sociais, políticos e psicológicos do sujeito; participação do sujeito no tratamento; meios de intervenção diversificados, além do medicamentoso;

percepção da loucura como fenômeno social e não somente individual, incluindo a família e a comunidade; e equipe multiprofissional.

Levando em consideração o exposto acima e o projeto de humanização da saúde do Ministério da Saúde que propõe atividades lúdicas e criativas, o palhaço tem um grande potencial para o cuidado, por ser uma figura que faz uso do diálogo, do improviso, do riso, da expressão corporal e da pantomima, ferramentas de grande utilidade para atenção dessas pessoas.

DESENVOLVIMENTO

O Palhaço Cuidador foca na parte saudável do sujeito, que habitualmente não é estimulado nos tratamentos convencionais, pois estes focam na doença. Portanto, o estímulo ao que é saudável pelo risível tem o potencial de resgatar a subjetividade da pessoa suprimida pela ordem manicomial. Burnier (1989) explicita como o palhaço pode revelar ao outro que também pode vivenciar o mundo de formas diversas, colaborando para a transcendência da condição de uma pessoa fragilizada, trocando a dor pelo riso.

Além disso, o palhaço é um transformador social. Ele é capaz de transformar o ambiente manicomial, sendo uma ferramenta útil no processo de desinstitucionalização e reinserção social dos usuários dos manicômios e, ao mesmo tempo, atingindo os profissionais em sua rígida tarefa. Os profissionais de saúde acabam percebendo que existe outra maneira de cuidar, que não seja baseada na medicação e contenção da loucura. A monotonia de um ambiente de trabalho é substituída pelo lúdico, mostrando que outra forma de vivenciar a realidade é possível também para os trabalhadores que estão “presos” nesse sistema. Mudando o paradigma da cultura hospitalocêntrica para a cultura de cuidado centrada na pessoa numa abordagem psicossocial.

O PalhaSUS é um projeto de extensão que trabalha com os Palhaços Cuidadores. Surgiu na Universidade Federal da Paraíba em 2010, com o intuito a partir de duas questões pertinentes: a primeira é o distanciamento do profissional para com as pessoas no processo de cuidado, atitude desenvolvida em função do desenvolvimento tecnológico e da influência do modelo biomédico; a segunda é a necessidade de desenvolver o autocuidado dos estudantes em formação, que em função das diversas pressões da formação acadêmica (carga horária, volume de conteúdo de aprendizagem, expectativas familiares, da sociedade e de si mesmo), passam a sofrer mecanismos estressores.

O Palhaço Cuidador é formado na Oficina do Riso da UFPB. Através desta oficina os ingressos no projeto de extensão recebem a preparação necessária ao início de suas atividades como palhaços, na sua missão de interagir com as pessoas gerando afetos positivos. promovendo bom humor e bem estar.

Um dos campos de atuação do projeto é o Complexo Psiquiátrico Juliano Moreira, localizado em João Pessoa. O trabalho é essencial para os usuários desse serviço, pois lhes propicia um momento de interação lúdica e permite uma comunicação entre os palhaços e os usuários, que se libertam momentaneamente da “contenção” rotineira do hospital imposta pela ordem manicomial, e tem a possibilidade de se expressar de maneira mais livre. Os palhaços fazem intervenções em todas as alas do Hospital aos sábados das 14 às 18 horas em parceria com o Projeto UEPB em Ação (PUA), totalizando uma trupe de aproximadamente 10 palhaços. No ano de 2013 houveram 16 intervenções. E o trabalho é reconhecido pelos usuários e pela equipe de profissionais do serviço, que também se beneficiam do projeto, pois estes não escapam do contato lúdico com a trupe, constituindo também, portanto, uma forma de cuidado do cuidador.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A loucura e a arte sempre andaram de mãos juntas, e a transformação que uma propicia à outra gera resultados positivos, os quais podem ser percebidos nas intervenções dos palhaços cuidadores do projeto PalhaSUS no Complexo Psiquiátrico Juliano Moreira. O objetivo da trupe de palhaços que atua na instituição é transformar o ambiente e as interações do complexo psiquiátrico, envolvendo para tanto desde os usuários aos profissionais, incluindo os familiares e estagiários do local. O alívio das tensões geradas pelo regime manicomial é extensivo a todos, desde seus mantenedores indiretos, que trabalham sob a pressão de manter os pacientes em constante contenção e controle, até os próprios usuários, que são as principais vítimas de um sistema social que trata seus doentes em sofrimento psíquico com isolamento e drogas. A presença dos palhaços cuidadores é muito impactante e gera transformações imediatas no cenário das visitas. Com o propósito de defender e disseminar a ética da alegria, os palhaços buscam atingir todos os indivíduos envolvidos na engrenagem do complexo psiquiátrico, visando possibilitar a manutenção da amorosidade e do respeito oferecidos durante as visitas para além das intervenções, fazendo com que tais sentimentos sejam estimulados ao longo de toda a semana e em todos os setores da instituição.

É observado, de maneira empírica, pelos palhaços cuidadores, que durante as intervenções os usuários diminuem sua dor biopsicossocial causada pela institucionalização, resgatando assim o bom humor e sensação de bem estar. Também se pode observar a reação demonstrada pelos cuidadores, que acabam por se fecharem, por causa de seu ambiente de trabalho, demonstrando-se, mais otimistas e mais cuidadores com a presença dos palhaços.

Os Palhaços nem sempre vão com esquetes, brincadeiras e músicas prontas, mas realizam as atividades de acordo com a demanda apresentada pelos usuários, fazendo com que eles tenham o controle do leque de dinâmicas oferecidas pelos palhaços. Desta forma, realizamos atividades próprias do gosto de cada usuário, favorecendo a valorização da subjetividade de cada sujeito.

O saber compartilhado por cada usuário e por cada palhaço cuidador vem do método de diálogo horizontal, onde cada pessoa a partir de sua história de vida, do seu trabalho e de seus saberes, tem algo bonito e bom a oferecer, e é papel do palhaço cuidador buscar esses aspectos humanos adormecidos nos indivíduos oprimidos pela dinâmica manicomial ainda vigente em alguns serviços de saúde.

BIBLIOGRAFIA

AMARANTE, Paulo. *O homem e a serpente: outras histórias para a loucura e a psiquiatria*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2010.

BURNIER, Luís Otávio. *Prospecto do espetáculo de clown: Valef-Ormos*. Campinas: Lume-Unicamp, 1989.

FOUCAULT, Michel. *História da loucura*. São Paulo: Perspectiva, 2009.